

Identificação do Objeto



Número: 84.047

Coleção: Uso Profissional e Técnico

Categoria do Acervo: Utensílio de uso tradicional

Classificação: Item usado em montaria (confeção artesanal)

Título: Estribos de Couro

Data e Modo de Aquisição: 12.04.1984 / doação

Código do Doador: 0010

Data atribuída: Primeira metade do século XX

Origem: Uberaba – MG

Material e Técnica: couro, napa; corte, costura, gravação; incisão

Conservação: Bom

Dimensões: 20 x 12 Cm

Descrição e Dados Históricos do Objeto

Como um dos componentes usados nas montarias, o estribo é uma peça feita em couro, aço ou ferro, adaptada para fixar-se nas laterais da sela por um tipo de cinto de couro, servindo também como apoio para dar impulso durante a subida do homem no dorso do animal. Os primeiros registros históricos sobre esse item no Brasil são datados do século XVII, quando teve início o processo de expansão territorial da Colônia. Os tropeiros, ou condutores de tropas, foram bastante atuantes durante esse período, quando as comitivas de muares (em especial), equinos e bovinos tornavam-se cada vez mais comuns entre as regiões de produção (agrícola e mineral) e os centros consumidores. Um dos marcos iniciais do tropeirismo ocorreu quando a Coroa Portuguesa instalou em 1695, na Vila de Taubaté, uma importante Casa de Fundição, também chamada de Oficina Real dos Quintos. A partir de então todo o ouro extraído das Minas Gerais deveria ser levado para as vilas e de lá seguia para os portos mais próximos, de onde era encaminhado para o reino, via cidade do Rio de Janeiro. O estribo foi ganhando importância à medida que a atividade comercial foi se desenvolvendo pela região, o que implicava no aumento da utilização de animais nas viagens, que eram longas e exaustivas. Esse objeto passou a ser usado com maior frequência para aumentar o conforto, a adaptabilidade e a resistência do homem, que na maioria dos casos fazia o trajeto entre as Províncias no lombo dos animais. Apesar da diminuição, essa atividade não desapareceu completamente na atualidade. A diversificação dos meios de transporte não foi capaz de excluir as tradições sertanejas, tanto que vários tipos de estribo continuaram sendo desenvolvidos ao longo do tempo. Uma das hipóteses mais aceitas sobre os primeiros vestígios desse objeto entre a humanidade seria a existência de evidências históricas que comprovam o uso de itens similares a ele entre as civilizações que surgiram na Mesopotâmia, durante a Era do Bronze (3.330 a.C.). O homem aprendeu a fabricar suas ferramentas a partir da fundição dos metais. Povos conquistadores, como os sumérios e os babilônios teriam aperfeiçoado o item pra facilitar as conquistas, que, em muitos casos, ocorriam mediante o uso das cavalarias. Foi bastante usado também pelos persas, os gregos e os romanos até o final da Idade Antiga. O

tipo de estribo em questão corresponde, provavelmente, à década de 1950. Segundo relato de historiadores, esses apetrechos eram usados também como ornamento indicativo de classe ou posição social em um tempo em que predominava o transporte, individual ou coletivo, movido à tração animal, sendo o uso deles muito comum entre militares, políticos, proprietários de terras, comerciantes, industriais, entre outros. O item é feito a partir de costura artesanal em couro tratado, adaptado para acoplar e proteger os pés durante a montaria. Apresenta cor predominante marrom, com detalhes nas bordas em linha dourada. No centro da base do objeto encontram-se faixas justapostas para permitir a fixação dos pés. Foi doado ao Museu do Zebu por Laerte Rodrigues Borges em 23 de março de 1984, sendo a procedência do item e as informações sobre os dados do doador não registradas pela instituição. Além da relevância cultural envolvendo aspectos ligados às várias atividades analisadas acima, sua importância histórica remete aos tempos em que a introdução do zebu obteve relativo sucesso, favorecido em parte pela atuação dos pecuaristas nos redutos ligados ao agronegócio brasileiro. O cenário cultural e político permitiu o interesse pelas atividades que envolviam a modernização agrária e industrial do país, contribuindo para que a zebuicultura encontrasse um terreno fértil para o seu desenvolvimento na região do Triângulo Mineiro, especialmente.